

e-mail:educacao@cbdata.com.br

EDUCAÇÃO

Educação

Aulas tradicionais, onde o professor fala a maior parte do tempo, prejudicam a comunicação dos alunos

Escola não ensina a falar

Philio Terzakis
Especial para o Correio

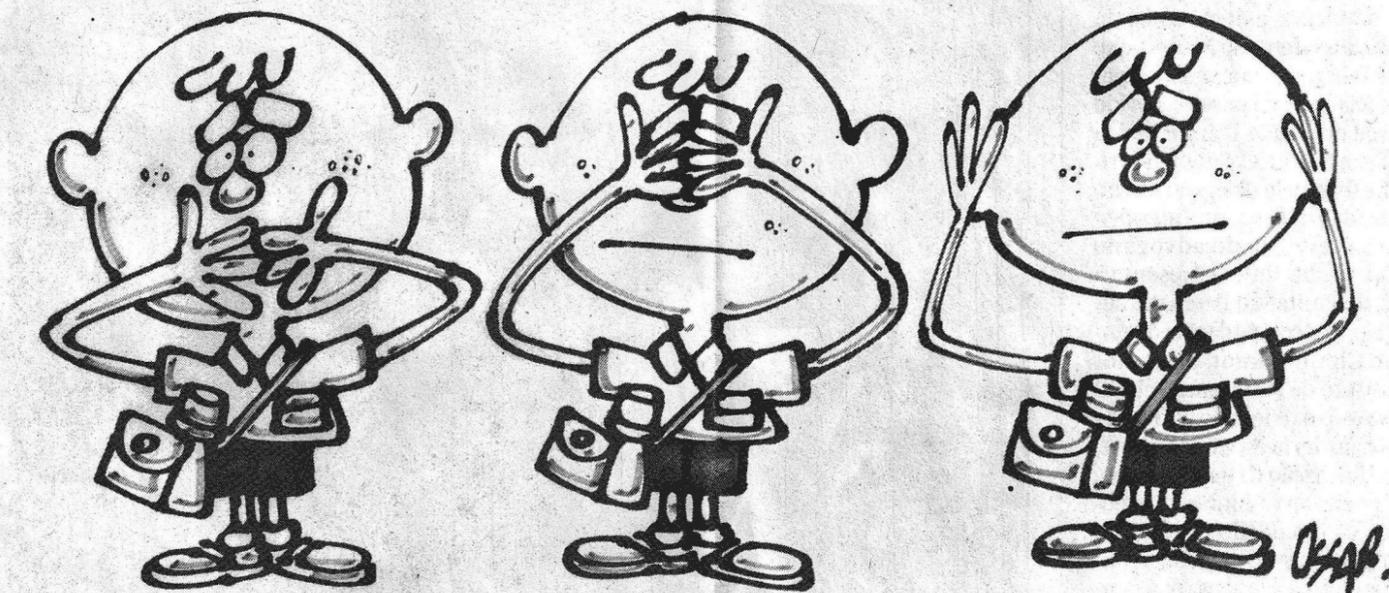
Paris — Na sala de aula, o professor faz uma pergunta sobre o assunto do dia. Silêncio. Alguns alunos catam a resposta mentalmente; outros já sabem, mas preferem ficar calados ou não sabem como falar; poucos arriscam uns monossílabos. Tanto esforço para nada. Segundos depois de ter feito a questão, o professor saca a resposta do seu roteiro e continua a aula. Entre frustrados e aliviados, os alunos se calam.

A cena é banal em grande parte das escolas — dentro e fora do Brasil —, mas começa a preocupar os franceses. Eles constataram que não é apenas na hora de ler e escrever que os alunos enfrentam problemas. Muitos não sabem nem falar direito. E as perguntas retóricas dos professores, aquelas que não deixam tempo para ninguém se expressar, foram apontadas como uma das causas dessa inabilidade.

É o que mostra a pesquisa *O lugar da fala no ensino: da escola primária ao segundo grau*, realizada pelo governo francês em setembro deste ano e que acaba de chegar ao gabinete de Ségolène Royal — ministra encarregada do ensino escolar no Ministério da Educação Nacional, da Pesquisa e da Tecnologia daquele país. De acordo com a sondagem, apenas uma média de 30% dos alunos de uma classe costumam debater com os professores. Os mais tímidos e aqueles que tem dificuldade com a língua são sempre deixados de lado.

Mas a fala não significa apenas jogar palavras durante a aula pelo maior período de tempo possível. “É também a escuta, a atitude do corpo, os gestos, bem como a capacidade de administrar bem as relações entre as pessoas”, especificam os realizadores do trabalho. Nada disso, entretanto, é trabalhado na escola. Quando se trata de fala, os professores estão mais preocupados em manter a ordem na sala de aula do que em fazer os alunos se expressarem.

Os “mestres” e suas aulas tradicionais também são criticados pelo governo. Nessas aulas, os professores são os donos da palavra e preferem não dividi-la com mais ninguém, para não



RAZÕES E CONSEQÜÊNCIAS

ERROS DOS PROFESSORES

- Considerar a escrita mais importante que a fala. Nesse caso, os exercícios orais são sempre dependentes da escrita, como no caso da leitura em voz alta e dos seminários.
- Fazer perguntas “retóricas”, ou seja, que os alunos não conseguem responder porque o professor dá a resposta antes.
- Interrogar sempre os mesmos alunos, os voluntários, que falam mais e não apresentam problemas de comunicação.
- Desconsiderar as respostas dos alunos.
- Fazer perguntas “fechadas”, que só admitem um tipo de resposta,

geralmente desconhecida da maior parte dos alunos.

- Não dividir a fala com os estudantes durante toda a aula.

O RESULTADO

- Os alunos não sabem tomar a palavra, ou seja, não sabem intervir em uma discussão ou dar sua opinião
- Os estudantes desistem de participar das discussões quando não encontram um ambiente favorável. No futuro, isso pode levar a uma indiferença em relação a sociedade e a participação.
- Quem não sabe falar também não sabe escutar e tem problemas de compreensão. Na sala, o professor não consegue mais se comunicar

com os alunos. Fora dela, as relações sociais são prejudicadas.

- Os alunos não aprendem a argumentar, passam a se expressar por meio de frases curtas, não conseguem encadear o discurso. Apresentam a fala truncada, cheia de lacunas e pronúncia deficiente.

- Os estudantes mais tímidos e aqueles com problemas de linguagem acabam ficando ainda mais inseguros e sem auto-domínio.

COMO AGIR EM SALA

- Favorecer as intervenções dos alunos e a interação entre eles.
- Levantar em conta as diferenças entre cada um, exigindo mais participação dos mais jovens e dos

mais tímidos.

- Definir uma forma de avaliar a fala dos estudantes.
- Encorajar as observações dos alunos sobre a disciplina, levando em conta suas preposições, mesmo aquelas que pareçam erradas.
- Guiar a fala na sala de aula de modo que a comunicação não vire confusão.
- Considerar o papel do silêncio. Ou seja, depois de fazer uma questão, dar tempo aos alunos para que eles formulem a resposta.
- Fazer questões “abertas”, de modo que o aluno possa elaborar uma resposta e não tentar adivinhá-la.

atrapalhar o bom andamento do curso. Outros têm medo do silêncio dos alunos ou simplesmente não se dão conta de que estão falando sozinhos.

A conclusão da pesquisa agrada aos estudantes. “Dependendo do professor a gente fala mais ou menos”, observa Flore Giraudet, 15 anos, aluna do ensino médio em um dos colégios mais tradicionais de Paris, o Henri IV. “E as aulas em que a gente pode conversar uns com os outros são também as aulas que a gente mais debate com o professor”, acredita sua colega

de sala, Lucile Rhim, 14.

O resultado é pior do que se imagina: entre os “calados” impera a falta de auto-confiança, a insegurança e a ausência de auto-domínio. O problema vai se agravando entre o ensino infantil e o médio — considerado o pior momento da expressão oral dos jovens. Isso porque é justamente nesse período que imperam as aulas tradicionais.

Nem os representantes estudantis conseguem se comunicar direito com a direção das escolas. Eles só tomam a palavra durante manifestações. Exatamente

quando os professores não podem falar. Na universidade, os alunos encontram mais facilidade de entrar em debates com os mestres, mas carregam durante toda a vida as dificuldades da fala.

Muitos professores admitem a limitação oral dos estudantes, mas conseguem se defender bem. “As turmas são enormes e, além do mais, temos um programa para seguir. Se a gente der atenção demais a cada aluno, não termina o trabalho nunca”, afirma Thierry Laurent, há sete anos professor de francês e de história em escolas de

ensino médio francesas.

A verdade é que, na sala de aula, a linguagem oral sempre apareceu como um apoio à escrita e à leitura. A fala mais independente e sempre desprezada, os debates e as intervenções dos alunos procuram ser evitados ou controlados. Ainda assim, o governo está disposto a exigir uma melhor formação dos professores para fazer os alunos “falarem”. “Quem não sabe falar também não sabe escutar e revela uma grande dificuldade nas relações sociais”, alertam os pesquisadores.

LIÇÃO DE MESTRE

A coluna Lição de Mestre não estará sendo publicada no período de férias escolares, retornando no ano que vem, junto com o início do período letivo. Por isso, os professores que queiram enviar sugestões de matérias ou divulgar projetos que estarão desenvolvendo em suas turmas no próximo ano podem entrar em contato pelos telefones 342-1171/1173, pelo fax 342-1155 ou pelo e-mail: educacao@cbdata.com.br

CIENTISTAS

No 15º ano de sua realização, o Prêmio Jovem Cientista, promovido pela Gerdau, Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Roberto Marinho, recebeu o total de 147 trabalhos. É o segundo maior número de inscrições desde que o prêmio foi criado. O destaque este ano fica por conta das mulheres: 99 das pesquisas inscritas foram realizadas por elas. É a primeira vez que o número de mulheres participantes supera o de homens. Os estados que mais trabalhos enviaram foram São Paulo, com 40 inscrições, Rio Grande do Sul (35), Rio de Janeiro (21) e Minas Gerais (12).

BRILLE

A partir do próximo ano, o MEC irá distribuir, para todos os alunos portadores de deficiência visual das escolas públicas, que cursam o ensino fundamental, livros didáticos em braille, a linguagem que os cegos usam para ler e escrever. Os livros serão acompanhados de materiais de auxílio à leitura. Existem hoje no país 10.117 portadores de deficiência matriculados na rede regular de ensino.